

## CARLOS RIZZINI, PIONEIRO DOS ESTUDOS MIDIÁTICOS NO BRASIL

José Marques de MELO

Titular da Cátedra UNESCO de Comunicação para o  
Desenvolvimento Regional e Diretor do Centro de  
Comunicação e Artes da Universidade Metodista  
de São Paulo (UMESP)

### RESUMO

*Ao publicar, em 1946, sua pesquisa sobre "O livro, o jornal e a tipografia no Brasil", Carlos Rizzini inauguraria o campo de estudos dedicados à mídia brasileira. O artigo pretende resgatar seu pioneirismo como pesquisador das ciências da comunicação no Brasil e traçar um perfil da sua atuação como jornalista, empresário midiático e professor de comunicação.*

*Palavras-chave: Midiologia. História da Comunicação. Jornalismo Brasileiro. Ensino de Jornalismo. Pesquisa e Jornalismo.*

### ABSTRACT

*By publishing, in 1946, his work "The book, the newspaper and the typography in Brazil", Carlos Rizzini would initiate the field of studies devoted to Brazilian media. The article intends to redeem his pioneer role as communication researcher in Brazil and also to build a profile of his action as journalism, media entrepreneur and communication scholar.*

*Key words: Mediology. Communication History. Brazilian Journalism. Journalism Education. Journalism Research.*

O ano de 1998 foi rico em efemérides comunicacionais: Comemoramos os 190 anos de implantação da imprensa no Brasil, correspondendo à criação da Imprensa Régia e ao início da circulação dos primeiros jornais brasileiros - *O Correio Braziliense* e *A Gazeta do Rio de Janeiro*. E mais:

- 100 anos do nascimento de Carlos Rizzini, pioneiro da pesquisa brasileira sobre mídia.
- 90 anos de fundação da ABI - Associação Brasileira de Imprensa, entidade responsável pela criação de cursos superiores destinados à formação de jornalistas no país.
- 80 anos de nascimento de Luiz Beltrão, fundador do Instituto de Ciências da Informação (Recife), o pioneiro da nossa pesquisa acadêmica sobre comunicação.
- 50 anos de fundação do Curso de Jornalismo da Universidade do Brasil, respaldado pela ABI, dando origem à atual Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- 35 anos de criação do curso de Jornalismo da Universidade de Brasília, fundado por Pompeu de Souza, e integrante da revolucionária estrutura da Faculdade de Comunicação de Massa, infelizmente manietada pelo golpe militar de 1964.
- 25 anos de criação dos cursos hoje agrupados pelo Centro de Comunicação e Artes da Universidade Metodista de São Paulo, inovadores do ponto de vista pedagógico, porque promoveram o equilíbrio entre a tendência pragmático-experimentalista (norte-americana) e a tradição crítico-humanista (européia) na educação de profissionais da mídia.
- 20 anos de fundação da ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, instituição responsável pela difusão dos paradigmas da Escola Latinoamericana de Comunicação no Brasil, etc.

Celebrá-las pode significar mero saudosismo ou ritual corporativo. Mas também pode ser uma maneira de resgatar as nossas identidades culturais. Vivemos uma conjuntura marcada pela desterritorialização e principalmente pela amnésia histórica. Chegou a hora de estimular nas novas gerações uma espécie de nativismo sem xenofobia. O que significa forta-

Carlos Rizzini, pioneiro dos estudos midiáticos..

lecer a auto-estima nacional/regional num contexto de globalização acelerada.

Quero incluir esse desafio no conjunto das questões lançadas na abertura de recente seminário internacional. “Como lidar com esse fenómeno que outrora o comunicólogo canadense Marshal McLuhan chamou de *aldeia global*? Quais as chances de sobrevivência das identidades latino-americanas nessa conjuntura? Se, como proclamam alguns, o mercado global traz em seu bojo potencialidades multiculturais, qual o espaço que as culturas latino-americanas podem ocupar no novo mapa do mundo?” (MARQUES DE MELO, 1996: 15).

Pensar em identidade latino-americana significa incluir o Brasil nesse contexto. E pressupõe também resgatar os nossos valores, tradições e as nossas conquistas intelectuais. Nunca esqueço a intervenção de um colega pernambucano, Luiz Maranhão Filho, num dos congressos de comunicação, criticando as novas lideranças acadêmicas pelo seu afã de importar paradigmas. Ele se referia não mais à onda dos *made in Paris* (que se mantém intermitente na academia, com tímidas incursões pelos *made in New York*). Focalizava o modismo dos *hecho en Latinoamerica*, que continua comovendo os filhos de Jânio ou Jango, com evidente desprezo pelos valores brasileiros. Como se o Brasil, sua cultura, seus intelectuais não fizessem parte da América Latina.

### **Midiologia brasileira**

O mais significativo dos eventos desse ano foi, sem dúvida, o centenário de nascimento de Carlos Rizzini, o pioneiro da pesquisa midiática brasileira.

Barbosa Lima Sobrinho foi o precursor dessa nova área de conhecimento, ao publicar, em 1923, seu clássico ensaio *O problema da imprensa*. “Ele formula hipóteses e antecipa interpretações de dados que seriam continuados e aprofundados de forma sistemática, pelos emergentes cursos universitários de comunicação, nas décadas de 50, 60 e 70. (...) Para realizar tal estudo, (...) vale-se principalmente das fontes disponíveis na bibliografia internacional. Ele reconstitui o contexto histórico do desenvolvimento do jornalismo para, depois, elaborar uma excelente análise

se de conjuntura sobre a emergência da indústria da comunicação no Brasil. A bibliografia brasileira sobre o *problema da imprensa* era escassa, para não dizer indigente. Resumia-se a umas poucas incursões historiográficas sobre as origens da imprensa nacional (Vale Cabral, Alfredo de Carvalho, Cunha Barbosa, Max Fleuiss) e às instigantes reflexões éticas sobre os abusos da liberdade de imprensa (cujo principal paladino foi sem dúvida Rui Barbosa)". (MARQUES DE MELO: 1997: 151-152).

Em face disso, Rizzini lançou as bases de uma nova disciplina comunicacional, dedicada ao estudo dos mídia. Seus parâmetros estão revelados na obra também clássica *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil* (1946). Ela foi o passaporte que o conduziu do jornalismo à academia de letras, pois naquela época as nossas academias de ciências ainda torciam o nariz à pesquisa no campo das humanidades e das ciências sociais aplicadas.

Vale a pena transcrever a saudação do acadêmico Plínio Salgado, que o recepcionou, em 1965, na Academia Paulista de Letras:

"O que os seus pares viram na pessoa de V. Exa. não foi apenas o jornalista, cujos dotes, por si sós, constituiriam credenciais suficientes para ocupar uma de nossas cadeiras; foi o polígrafo, o historiador, o pesquisador de antigos documentos, dos quais deduziu considerações e conclusões vazadas em forma literária escorreita. Escrevendo sobre 'o livro, o jornal e a tipografia no Brasil', V. Exa. se revela, em toda a primeira parte do volume, o erudito de opulento cabedal, partindo da informação oral e escrita desde os tempos de Roma, até os trovadores e jograis da Idade Média.

Das epístolas informativas dos romanos, das suas pedras em que insculpiam os fatos notáveis, dos anais e atas primitivas, foi V. Exa. aos pergaminhos em que se perpetuaram as gestas celebrando os feitos da cavalaria medieval. (...) Da expansão do livro impresso e dos jornais que, derivados da invenção de Gutenberg, se espalharam pelo mundo no século XVI, e mais intensamente nos séculos XVII, XVIII e XIX, tem-se uma visão panorâmica e, em certos passos, pormenorizada. E é depois de assim ministrar ensinamentos preciosos que o autor entra no tema que dá título à obra, isto é, a história brasileira do livro, do jornal e da tipografia. Estuda os meios coloniais de informação e de comunicação; o problema do

Carlos Rizzini, pioneiro dos estudos midiáticos..

gentio; o ensino antes de Pombal; o surto e opressão do pensamento escrito; a metamorfose política das academias literárias; os clubes secretos e as lojas maçônicas; a introdução da tipografia em nosso País; o jornalismo fluminense da Independência; o jornalismo provinciano da mesma época; e demora-se na apreciação de Hipólito da Costa, considerado fundador da imprensa brasileira”. (SALGADO, 1966: 73-75).

### **Rizzini, jornalista**

Quem foi Carlos Rizzini ? Ao tomar posse na Academia de Letras, ele se apresentou orgulhosamente: “A Academia Paulista acolhe hoje um jornalista, alguém que não tem sido senão jornalista e que mesmo excursionando noutras áreas de atividade (política, literatura, administração, magistério) em nenhuma deixou de ser o que fora a princípio: jornalista.” (RIZZINI, 1966: 61).

Sua trajetória intelectual é hoje quase desconhecida entre as novas gerações de comunicólogos. Por isso, torna-se indispensável recapitular sua multifacetada biografia.

De berço paulista, nasceu no município de Taubaté, no dia 25 de novembro de 1898. Carioca por adoção, formou-se em Direito na antiga capital federal, iniciando ali sua carreira jornalística. Fiel às raízes, passou os últimos dias de vida em Tremembé, onde faleceu em 19 de julho de 1972.

A partir de 1919, atuou como repórter do “Rio Jornal” e de “O Jornal”, assumindo depois funções dirigentes em jornais diários e revistas. Testou a atividade empresarial, ao comprar e comandar, durante mais de dez anos, a “Tribuna de Petrópolis”. Ali incursionou pela política, exercendo mandatos de vereador e deputado estadual. Desiludido, em vista das restrições democráticas erigidas pelo Estado Novo, voltou ao jornalismo. Esse foi o seu período mais fértil. Desempenhou cargos de direção regional, na cadeia dos Diários Associados, sob o comando de Assis Chateaubriand, no Rio, Porto Alegre e São Paulo.

Atuou ainda na administração pública, depois da redemocratização de 1945. Ocupou cargos na administração federal (diretor do Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC, 1952-1953), estadual (diretor do De-

José Marques de MELO

partamento Estadual de Informações, Rio de Janeiro, 1947) e municipal (secretário de Educação e Cultura do Município de São Paulo, 1961-1965).

### **Rizzini, professor**

Seu trabalho como docente representou uma extensão da vida jornalística. Incorporou-se ao quadro docente pioneiro do Curso de Jornalismo da então Universidade do Brasil (hoje UFRJ), ali atuando durante um decênio.

Criado em 1948, sob inspiração da ABI, esse curso priorizou o recrutamento de profissionais tarimbados na imprensa, que dividiam suas tarefas didáticas com mestres oriundos de outras áreas do conhecimento. Foi um belo exemplo de convivência e equilíbrio entre formação humanística e profissional.

Mas o curso enfrentava resistências das corporações jornalística e acadêmica. Os jornalistas, temerosos da concorrência dos novos, pregavam que “jornalista nasce feito...” Os acadêmicos, calejados de pelear por escassas verbas públicas, temiam dividir o bolo orçamentário com as profissões emergentes.

Tanto assim que, mesmo criado pelo governo federal, o curso não teve dotação para pagar os professores, durante o primeiro ano. Não fosse a intervenção de Herbert Moses (presidente da ABI), passando o chapéu na praça, e os jornalistas-professores ficariam a ver navios... Depois, tudo se normalizou administrativamente. Mas a reação intelectual persistia.

Tentando vencê-la, Carlos Rizzini, que então acumulava funções na universidade e no próprio MEC, decide ir aos Estados Unidos para observar como se faziam jornalistas na terra do Tio Sam.

Ao retornar, escreveu um ensaio antológico, defendendo a tese do experimentalismo pedagógico e reivindicando laboratórios profissionais para o curso.

Eis a justificativa que dá para a sua missão: “Examinei as origens, o desenvolvimento e os resultados do ensino do jornalismo no mundo e, especialmente nos Estados Unidos, tendo em vista o Curso existente na Faculdade Nacional de Filosofia. Antes, e a título de introdução, justifica-

Carlos Rizzini, pioneiro dos estudos midiáticos..

---

“O bacharel em  
jornalismo não deve  
saber como se faz jornal.  
Deve saber fazê-lo”.

---

rei a sua existência, pois, e ainda que pareça absurdo, há pessoas, e pessoas qualificadas, que o reputam ocioso e excrescente. Essas pessoas, geralmente do ofício e, por isso mesmo crendo-se autorizadas, entendem que o jornalismo não se aprimora. O jornalista nasce feito e no tirocinio se aprimora. (...) O argumento é por certo falho e falso”. (RIZZINI, 1953: 3).

Ao final do relato, sugere que o Brasil acerte o passo com a modernidade norte-americana no âmbito da pedagogia do jornalismo:

“O bacharel em jornalismo não deve saber como se faz jornal. Deve saber fazê-lo. Por isso, nos cursos norte-americanos os alunos não aprendem como recolher um fato, reduzi-lo à notícia, dar-lhe título, ilustrá-lo com fotografias ou desenhos e situá-lo nas páginas do jornal; ou como escrever um artigo, uma crítica, um comentário e uma cabeça de reportagem; ou como se elaboram os *layouts*. Os alunos executam, eles próprios, essas tarefas e acompanham pessoalmente a seqüência das operações mecânicas complementares: gravura, composição, prova, revisão, emenda, paginação, calandragem, fundição e, por fim, montagem e impressão”. (RIZZINI, 1953: 55).

Palavras ao vento? Rizzini tinha consciência da mentalidade arcáica, responsável pelo comportamento dos nossos jornalistas. Tendência semelhante já ocorrera nos Estados Unidos, mas foi sendo superada desde o início deste século.

“No Brasil, mais do que nos Estados Unidos, predomina o velho e safado, e cômodo, e consolador preconceito de que *quem é bom já nasce feito*. Gostamos da improvisação, do empirismo, do jeito, e confiamos cegamente na bossa. Simpatizamos com o sucesso fácil, fruto saboroso da lei do menor esforço. (...) Do velho preconceito não estamos, porém, inteiramente libertos. No caso específico do jornalismo, é ainda acentuado pela incredulidade dos profissionais. Formados na tarimba das redações, não vêem vantagem nem ensino que pensam não lhes ter feito falta. Não repetiremos

aqui tudo quanto em contrário a semelhante engano reunimos e expusemos (...) Sublinharemos que aquela incredulidade bem se traduz em não ter recebido o Curso de Jornalismo apoio ou incentivo da parte dos jornais". (RIZZINI, 1953: 44-45)

As idéias contidas em *O ensino do jornalismo* (Rio, MEC, 1953) só teriam condições de ser emplacadas na pioneira Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, cuja direção Rizzini assume em 1960.

Desde então, o Brasil teve dois paradigmas para a formação de jornalistas: o padrão bacharelesco (que se impôs no Rio de Janeiro, a despeito da resistência de Danton Jobim e Pompeu de Souza) e o modelo profissionalizante (que prosperou em São Paulo, nos tempos em que a faculdade se integrava plenamente ao seio das empresas jornalísticas mantidas pela Fundação Cásper Líbero).

Quando cheguei à capital paulista, em 1966, fui professor da Faculdade Cásper Líbero, justamente após a gestão de Carlos Rizzini como seu diretor. Experimentei a triste sensação de testemunhar a gradativa decadência desse modelo profissionalizante. Felizmente ele já havia sido assimilado pelas novas instituições regionais, tanto em Porto Alegre (Alberto André), quanto em Recife (Luiz Beltrão) ou Brasília (Pompeu de Souza). A própria USP inspira-se nas lições de Rizzini, quando decide criar a sua inovadora Escola de Comunicações Culturais.

### **Rizzini, pesquisador**

Contudo, a estatura maior do polifacético Carlos Rizzini encontra-se, a meu ver, na sua dimensão de pesquisador. Ou melhor, de repórter culto.

Seu êxito profissional deveu-se inegavelmente à erudição, que sempre preservou como autodidata. Leitor atento da bibliografia nacional e estrangeira, formou um acervo excepcional de jornalismo, nele fundamentando-se para escrever seu livro de estréia. Sob o título *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*, ele foi lançado pela Editora Kosmos, em 1946, convertendo-se rapidamente em obra de referência nacional.

Ao contrário da tendência dominante na historiografia brasileira da imprensa, estilisticamente rebuscada e não raro caudatária de fontes

Carlos Rizzini, pioneiro dos estudos midiáticos..

secundárias ou terciárias, a obra de Rizzini constitui um empreendimento inovador.

O faro do repórter o impeliu a consultar fontes originais, em acervos europeus e brasileiros, confrontando-as com rigor. A sensibilidade do redator de notícias o induziu a produzir um texto claro, preciso, agradável.

Mas o seu mérito principal está na composição de um arcabouço analítico sobre o desenvolvimento material e intelectual da imprensa, das origens européias à expansão americana, particularmente em nossas terras lusófonas. As primeiras gerações de jornalistas formados pelas nossas universidades são forjadas nessa obra basilar.

Estimulado pela crítica e legitimado pela academia, Carlos Rizzini lança-se a uma intrépida aventura. Escrever a biografia do nosso jornalista paradigmático, Hipólito José da Costa. Adotando a mesma metodologia jornalística, vai aos documentos, consulta-os, confronta-os, desfazendo a mitologia disseminada pelos historiadores sobre o fundador da imprensa brasileira. Hipólito da Costa emerge de corpo inteiro, sem retoques ufanistas, sem aleivosias conspiratórias, no livro *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense* (São Paulo, Nacional, 1967).

Na bibliografia de Rizzini incluem-se ainda dois sub-produtos da sua pesquisa fundamental. Tanto a apostila *História da Imprensa* (São Paulo, PUC, 1964) quanto o livro *Jornalismo antes da tipografia* (São Paulo, Nacional, 1967) constituem sínteses ou reproduções dos livros anteriores.

Em relação a este último, tive oportunidade de fazer um comentário, na ocasião do seu lançamento, sobre a contradição existente entre o título da obra e a tese defendida pelo autor a propósito do conceito de Jornalismo.

“A obra contém uma visão global das atividades de comunicação coletiva e intragrupal nas sociedades primitivas e nas comunidades européias antes e depois da implantação da tipografia. (...) A única restrição que se poderia fazer ao livro está no título. *O Jornalismo antes da tipografia* não parece adequado. Revela até uma certa contradição em relação ao conteúdo, já que o autor examina aspectos históricos do livro, do periódico não impresso, das cartas

manuscritas, do correio, da letra de forma, dos jograis, dos trovadores, etc. São aspectos os mais diversos que não podem ser confundidos com o *Jornalismo*. (...) É o próprio Carlos Rizzini, em seu livro *Hipólito da Costa e O Correio Brasiliense* (pag. 64) quem fixa o conceito moderno do *Jornalismo*: “livre publicação, regular e contínua de informações atuais. Encontramos, portanto, nesse conceito, hoje adotado pela grande maioria dos estudiosos do *Jornalismo* como *ciência da comunicação*, três elementos essenciais: *periodicidade, atualidade, recepção coletiva*. As mensagens de comunicação social emitidas antes da tipografia, sobretudo as cartas manuscritas, formas embrionárias de jornais, possuíam *atualidade e periodicidade*, mas não *recepção coletiva*, porque destinadas a públicos restritos (grupos determinados em sua extensão) - os assinantes. A idéia da recepção coletiva está intimamente ligada à produção em massa, que surge no bojo da Revolução Industrial, e para a qual o intento de Gutenberg foi decisivo. (...) *Jornalismo* (como forma de comunicação coletiva) só veio a surgir efetivamente depois da implantação da tipografia, já que nos séculos XV e XVI predominava um rígido controle das atividades de impressão. Com a abolição da censura prévia e a possibilidade de *circulação livre* de jornais, permitindo o acesso a quaisquer pessoas que estivessem em condições de o fazer, é que surgiu o *Jornalismo*”. (MARQUES DE MELO, 1972: 12-13)

Por certo, no prefácio da obra, Rizzini primava pela coerência conceitual: “Este livro, tal como diz o seu título, é um estudo das formas de comunicação da notícia, da idéia e da crítica, sem o uso da letra de forma. Partindo de épocas remotas, não pára, todavia, no invento de Gutenberg. Ultrapassa-o, pois a sua fase mais intensa e produtiva - a da gazeta manuscrita - estende-se aos últimos dias do século XVIII, quando os frutos da tipografia haviam já alcançado maturidade e perfeição. A transmissão oral, o periódico imóvel, a carta particular, na antigüidade; o jogralismo e o trovadorismo palaciano e ambulante, e as crônicas, na Idade Média; de novo a carta particular, a carta destinada ao público e a carta-de-notícias, o novelismo-de-boca, de café e de rua, a sátira verbal, a escrita, em prosa ou em verso, o pasquim e, por fim, a gazeta-a-mão, no

Carlos Rizzini, pioneiro dos estudos midiáticos..

renascimento e nos albores da Idade Moderna - constituem os processos históricos do jornalismo antes da tipografia". (RIZZINI, 1968: XV).

O livro tratava, portanto, dos *processos históricos do jornalismo*, ou seja, de uma espécie de pré-história do jornalismo.

Quando ousei publicar essa crítica ao livro do Mestre Rizzini não o conhecia pessoalmente. Nessa ocasião, exercia o cargo de diretor do Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP. Um dia recebi um telefonema de Carlos Rizzini: jovem professor, com um certo complexo de migrante nordestino em relação aos medalhões paulistas, confesso que tremi na base. Receiava uma reprimenda ou descompostura do ilustre jornalista/escritor. Mas estava completamente enganado. Rizzini mostrou-se afável, agradeceu o meu artigo e disse que eu tinha razão. Ao final, manifestou o desejo de conhecer-me pessoalmente, convidando-me para almoçar em seu apartamento do bairro das Perdizes.

Ali me confessou que o título do livro continha um certo apelo mercadológico... Deduzi que a responsabilidade cabia à editora, interessada em conquistar o novo segmento do mercado universitário, constituído pelos estudantes de *jornalismo*. Nessa visita, o que me impressionou foi a riqueza da sua biblioteca particular, numa evidência de que o bibliógrafo se convertera numa apaixonado bibliófilo.

Desse nosso encontro nasceu uma frutífera amizade. Tentei convencer Carlos Rizzini a se incorporar ao corpo docente do curso de jornalismo da USP, assumindo a cadeira de História do Jornalismo. Ele recusou dizendo que pretendia mudar-se para Taubaté, onde se dedicaria a ler os livros que acumulara durante tantos anos e não tivera tempo suficiente para saboreá-los. Consegui apenas que ele ministrasse uma conferência sobre Hipólito da Costa, à qual alunos da primeira turma que ali se formou puderam assistir. O texto dessa conferência foi reproduzido em mimeógrafo, lido e discutido pelas turmas seguintes.

### **A reedição necessária**

A bibliografia de Carlos Rizzini não é vasta, comparada à sua hemorografia. Ele foi, sobretudo, um jornalista praticante que derivou para o estudo do jornalismo como forma de melhor compreender seu ofício e

de melhor educar as novas gerações profissionais. Tanto uma quanto outra são paradigmáticas para as ciências da comunicação.

Em se tratando de obras esgotadas, ausentes das bibliotecas/hemerotecas da maioria das universidades que formam comunicadores sociais, torna-se urgente a sua reedição. D. Áurea, sua viúva, encorajada por alguns componentes da Ordem dos Velhos Jornalistas, vem erguendo solitariamente essa bandeira.

Há dez anos ela obteve êxito, relançando o primeiro livro, através da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Mas essa edição facsimilar logo desapareceu de circulação, chegando quase exclusivamente aos colecionadores de obras raras.

Impõe-se, agora, a reedição da obra completa de Carlos Rizzini. Ela tanto pode alimentar culturalmente os jovens profissionais do jornalismo, quanto pode servir de modelo aos futuros pesquisadores midiáticos.

Eles não precisam recorrer aos estratagemas oblíquos da “interdisciplinaridade” para realizar uma tarefa que um repórter competente já fez com perfeição. O que necessitam é retomar o filão metodológico aberto por Rizzini, completando essa pesquisa.

Trata-se de desvendar episódios que marcam o perfil midiático brasileiro, dos jornais da Independência aos conglomerados multimídia deste fim de século. Há farta mediação especulativa sobre eles, mas pouca evidência empírica. Enfim, quase tudo está por fazer e refazer no âmbito da midiologia brasileira.

Quem se habilita?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARQUES DE MELO, José. **Reflexões sobre temas de comunicação**, São Paulo: ECA-USP. 1972

\_\_\_\_\_. **Contribuições para uma pedagogia da comunicação**, São Paulo: Paulinas. 1974.

\_\_\_\_\_. **Identities culturais latino-americanas em tempo de comunicação global**, São Bernardo do Campo: UMESP/UNESCO. 1996

Carlos Rizzini, pioneiro dos estudos midiáticos..

\_\_\_\_\_ . Barbosa Lima Sobrinho, pioneiro da pesquisa sobre jornalismo, **Revista Brasileira de Comunicação**, vol. XX, n. 1, São Paulo: INTERCOM. 1997.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil**, Rio de Janeiro: Kosmos. 1946.

\_\_\_\_\_ . **O ensino de jornalismo**, Rio de Janeiro: MEC. 1953

\_\_\_\_\_ . **Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense**, São Paulo: Nacional. 1957

\_\_\_\_\_ . Discurso de posse, **Revista da Academia Paulista de Letras**, ano XXIII, n. 69. 1966

\_\_\_\_\_ . **O Jornalismo antes da Tipografia**, São Paulo: Nacional. 1968

\_\_\_\_\_ . **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (edição fac-similar)**, São Paulo: IMESP, 1988

\_\_\_\_\_ . SALGADO, Plínio. Discurso na recepção do acadêmico Carlos de Andrade Rizzini, **Revista da Academia Paulista de Letras**, ano XXIII, n. 69. 1966